

## **A GRAMÁTICA DO PADRE JOÃO RODRIGUES: ENTRE O MODELO DESCRITIVO LATINO E A FIDELIDADE À LÍNGUA JAPONESA**

ELIZA ATSUKO TASHIRO\*

Neste texto, faremos uma rápida verificação de como um missionário europeu, no século XVI, realizou a descrição da língua japonesa por meio do instrumento da gramática latina. Trata-se do missionário jesuíta João Rodrigues Tçuzu (1561/63–1633) e a obra para a análise é a *Arte da Lingoa de Iapam* (1604/1608), a primeira gramática da língua japonesa feitas pelos moldes da tradição ocidental. Interessa-nos, principalmente, observar os casos em que o modelo latino não se mostrou suficiente para descrever os dados da língua japonesa que o padre Rodrigues descreveu.

O protestante Victor Naumann teria afirmado em *Der Jesuitismus von Pilatus*, (1905): “Podemos chamar aos jesuítas os mestres da língua latina do século XVII”, segundo Freire (1960). Sendo uma opinião de um religioso de uma ordem rival, podemos considerá-la, no mínimo, imparcial. Nessa pedagogia, a influência didática exercida pela gramática latina do padre Manuel Álvares (1526–1583) foi grande, concretizada na sua obra *De Institutione Grammatica Libri Tres* (1ª ed. 1572), que a legislação pedagógica da Companhia de Jesus da *Ratio Studiorum* (1ª ed. 1591) expandiu para toda a Ordem. Segundo ainda o mesmo Freire, a gramática de Álvares teria rivalizado com a de Elio Antonio Nebrija (1441/1446–1522), a *Introducciones in Latinam Grammaticen* (1481), na Espanha e no México. Não vamos, aqui, entrar no mérito de tal afirmação, nem questionar se a gramática de Álvares foi revolucionária ou não em relação às anteriores. O importante é reiterarmos que a *De Institutione Grammatica Libri Tres* foi o manual de Latim utilizado pelos

---

\* UNESP – FCL/Assis



jesuítas nos seminários e colégios da Europa e também das missões ultramarinas e que, no colégio jesuíta de Amakusa (em Nagasaki, Japão), foi impressa uma versão japonesa intitulada *Emmanuelis Alvarie Societate Iesu De Institutione Grammatica Libri Tres. Conjugationibus accessit interpretatio Iapponica* (1594). No *Admonitio* (f. 3v) deste manual, fica claro que foi elaborado para que aprendessem o Latim os japoneses (grifo nosso):

*Cumijs, qui in Iapponia, latino idiomati operam impendunt Patris Emmanuelis Aluari Grammatica Institutio necessaria fit in eaque verborum coniugationes Lusitana lingua huius in sula hominiburig nota vertatur, ne tyrenosin ipso limine peregrini fermonis imperitiae taedio animum desponderent Superioribus visum et ut (ordine quo liber ab auxxx estyrihi immutato) verborum coniugationibus Iapponicae voces apponeretur, aliqua q; scholia praecetoribus ad latina tum, & Iapponicatum lequutionum vim faciliùs diesnosendam maximè conducentia, attexerent. Vale.*

A *Arte da Lingoa de Iapam* teve a sua impressão iniciada em 1604 e foi terminada em 1608. No entanto, temos notícia da elaboração de gramáticas anteriores a ela: o irmão Duarte da Sylva (??-1563) teria sido o autor de uma primeira anotação sobre a língua japonesa; posteriormente, o irmão João Fernandez (1526-1567) e o padre Luis Frois (1532-1597) teriam, em 1564, feito um trabalho conjunto (Doi 1982). A máquina de tipos móveis de caracteres romanos foi introduzida em 1590 no Japão. Portanto, os trabalhos anteriores a esse ano eram manuscritos e também não nos foram legados. O próprio padre João Rodrigues afirma que se baseou, em parte, nos trabalhos que já estavam feitos. Diz ele no *Proemio* da sua *Arte*: "...no que me ajudey de alguas anotações, que acerca desta materia alguns padres nossos tinhão feyto, & andavão escritas de mão,...". A gramática latina, versão Amakusa, por conter algumas anotações sobre a língua japonesa, é uma das fontes para

se conhecer o estado de desenvolvimento dos estudos sobre a língua feitos pelos missionários no Japão antes da *Arte da Lingoa de Iapam*.

A influência da gramática alvariana, seja a versão japonesa ou outra, vem citada pelo padre João Rodrigues que também refere-se a Nebrija: "...E pera melhor se entender de vez a natureza destes verbos, apontarey aqui do padre Manoel Alvarez & do Antonio o que apontão a cerca dos Verbos neutros, onde diz assi /.../." (f. 69)

Quanto à organização dos capítulos, a *Arte* do padre Rodrigues segue a mesma divisão em três livros da gramática de Álvares, e a distribuição do assunto também é semelhante. No *Livro Um*, ambas tratam das flexões de nomes e de verbos e da morfologia das partes da oração; o *Livro Dois*, é dedicado à sintaxe ou 'construção'; na *Arte* o problema da fonética é tratado no fim do *Livro Dois*; enquanto Álvares, no *Livro Três*, dedica grande espaço para as sílabas, na *Arte*, temos as formas de estilo da escrita (cartas, juramento, voto, petição ou acusação e o *mocurocu* [inventário] e outras informações de natureza cultural.

Ao tratar da morfologia no *Livro Um* ainda, o padre Rodrigues apresenta dez partes do discurso: além das oito do Latim (nome, pronome, verbo, particípio, preposição, advérbio, interjeição e conjunção) apresenta a classe das partículas e dos artigos. Fukushima (1983) afirma que essa iniciativa do padre Rodrigues de elevá-las à categoria de partes da oração seja influência dos estudos japoneses que classificavam os vocábulos em "*Na, cotoba e teniuo(fa)*", conforme o próprio padre Rodrigues afirma (grifo meu):

Os Iapoens comprehendem todas as partes da oraçam da sua lingoa de baixo de tres palavras: a primeira he, *Na*, que sinifica nome; de baixo do qual comprehendem todos os nomes substantivos, as conjunçoens, interjeiçoens, preposiçoens, ou posposiçoens, & quaes quer outros vocábulos, que tem propria letra, que nam sam verbos. A segunda he, *Cotoba*, que sinifica,



verbo (naõ fallando lato modo, em quanto quer dizer palavra, mas propriamente) de baixo da qual se comprende toda a sorte de verbos assi substantivos, como todos os de mais, & os verbos adiectivos. **À terceira, he, Te, Ni, Fa ou Te, Ni Vo, Fa, ou sutegana, ou vokiji, de baixo da qual comprehendem os artigos dos casos dos nomes, como sam Va, Ni, Vo, Voba, & todo o genero de particulas, assi dos tempos, como todas as demais de qual quer sorte, que sejam, que nam tem letra propria, mas ssam da lingoa Iapoa natural. Vt. Mo, Nimo, De, Nite, &c.** (Rodrigues, 1604/1608, f. 52v).

O fato de os japoneses terem considerado os tais 'artigos dos casos nomes' e 'todo genero de particulas' uma das uma classe de palavras (*teniuo[fa]*) assim como são *Na* e *Cotoba*, deve ter levado, então, o padre Rodrigues dar a eles o estatuto de 'parte da oraçam', segundo Fukushima. Notamos, ainda na citação acima, que o termo 'preposição' foi mudada para 'posposição', respeitando a ordem dos termos da língua japonesa: os vocábulos correspondentes à função de preposição vêm depois dos substantivos. Diz o padre Rodrigues: "...*Nam tem preposiçoens, mas em seu lugar usam de posposições, por que se pospoem aos nomes, & em seu significado respondem às nossas preposiçoens...*" (1604/1608, f.58).

Doi (1971) afirma que o padre Rodrigues mantém duas posições ao descrever a língua japonesa na *Arte*: a posição latina, ao seguir fielmente o modelo gramatical latino, adaptando aí a língua japonesa; e a posição japonesa, ao tratar dos dados lingüísticos japoneses diferentes do Latim de acordo com sua própria natureza. O peso de cada uma dessas posições fica claro também ao longo da *Arte*: na primeira metade, a posição latina prevalece; na segunda metade, a posição japonesa passa a ser dominante. Lembramos que a impressão da *Arte* foi iniciada em 1604 mas somente depois de quatro anos é que foi terminada. À época, o governo militar japonês vinha fazendo pressões



sobre a atuação dos jesuítas motivo, por que a Companhia de Jesus no Japão deu prioridade para a impressão de obras religiosas em detrimento de outras, como a *Arte*, de natureza lingüística. O espaço de quatro anos, no entanto, teria possibilitado ao padre Rodrigues refletir melhor sobre a língua, resultando numa descrição mais desprendida do modelo latino. Os assuntos que foram tratados dentro do modelo latino são as flexões de nomes e verbos.

A versão japonesa da *De Institutione Grammatica Libri Tres* contém, ao lado dos exemplos latinos, também a tradução desses exemplos na língua japonesa e portuguesa. Logo no início (f. 3v), o(s) autor(es) dessa versão coloca(m) um quadro de declinação do substantivo latino, *dominus*, i (2ª declinação), emparelhando com o vocábulo semântico japonês correspondente, nas formas dos casos latinos.

### NOMINATIVVS CVM PARTICV

lis Iaponicis, quae respondent casibus latinis.

	Numero sing.	
Nominatiuo:	<i>Dominus</i>	<i>Aruji, aruiua, aruijiua, ga, no, yori.</i>
Genitiuo:	<i>Domini</i>	<i>Arujino, ga.</i>
Datiuo:	<i>Dominum</i>	<i>Arujini, ye.</i>
Accusatiuo:	<i>Dominum,</i>	<i>Arujiuo.</i>
Vocatiuo:	<i>ô Domine,</i>	<i>Aruji, A, icani aruji.</i>
Ablatiuo:	<i>à Domino.</i>	<i>Aruji yori, cara, ni.</i>
	Plur.	
Nominatiuo	<i>Domini</i>	<i>Aruji tachi, A, aruji tachiua, ga, &amp;c.</i>
Genitiuo	<i>Dominorum</i>	<i>Aruji tachino, ga.</i>
Datiuo	<i>Dominis</i>	<i>Aruji tachini, ye.</i>



Accusatiuo	<i>Dominos</i>	<i>Aruji tachi uo.</i>
Vocatiuo	<i>ô Domini</i>	<i>Aruji tachi, A, icani aruji tachi.</i>
Ablatiuo	<i>à Dominis</i>	<i>Aruji tachi yori, cara, ni.</i>

*Particulae lapponicae, qua numero plurari latino respondent, (ilegível) edisunt, Tachi, xu, domo, ra. Item (ilegível) nominis repetitio, Vt. Fitobito, cuniguni, &c.*

Temos na tabela acima uma das primeiras reflexões gramaticais sobre a língua japonesa ao associar a declinação nominal do Latim à junção nome + partícula do Japonês. Nota-se que já aqui existe uma percepção da separação da 'partícula' casual (*ua, ga, no, yori, ye, uo, yori*) e da 'partícula' numeral que faz o plural para alguns substantivos (hoje, sufixo numeral: *tachi, xu, domo, ra*). Na parte que trata da declinação dos nomes na *Arte*, também teremos uma tabela semelhante (f.1). O vocábulo exemplificado para declinar é o mesmo, *aruji*.

### *Declinação pera todos os nomes substantivos*

& pronomes primitivos.

Nominativo.	<i>Aruji, I, Arujiua, ga, no, yori, Senhor, ou dono.</i>
Genitivo.	<i>Arujino, ga.</i>
Dativo.	<i>Arujini, ye.</i>
Accusativo.	<i>Arujiuo, uoba, ua, ga.</i>
Vocativo.	<i>Aruji, icani Aruji.</i>
Ablativo.	<i>Arujiyori, cara, ni.</i>

### NVMERO PLVRAL

Nominativo.	<i>Aruji, I. Arujitachi, xu, domo, ra.</i>
Genitivo.	<i>Arujitachino, ga.</i>



Dativo.	<i>Arujitachini, ye.</i>
Accusativo.	<i>Arujitachiuo, uoba, ua, ga.</i>
Vocativo.	<i>Arujitachi, I, icani Arujitachi.</i>
Ablativo.	<i>Arujitachi yori, cara, ni.</i>

Os nomes substantivos, & pronomes da língua Iapoa assi Coye, como Yomi não se declinão por casos como os Latino, mas são indeclinaveys, & tem certas particulas, ou artigos, os quaes pospostos aos nomes respondem aos casos Latino, & a mesma voz serve de singular & de plural, ou se supre com outras particulas, como se ve na declinação posta. /.../ As particulas que servem de pluras são, Tachi, Xu, Domo, Ra. As quaes se poem immediatamente ao nome, & antepoem as particulas articulares; entre estas há diversidade de graos de honra: /.../

Embora o padre Rodrigues explicita que os nomes são indeclináveis, a colocação em tabela da declinação do nome *aruji*, em todos os casos latinos e de forma idêntica àquela feita na *Institutione Grammatica* versão Amakusa pode demonstrar uma certa insegurança em se desvincular do modelo latino. Prova disso, foi o fato de continuar mantendo a partícula *yori*, como marca do nominativo singular. Matsuoka (1991: 6) acha que isso se deve ao fato de que no Latim o termo de comparação vem marcado com a desinência no nominativo. Por exemplo, em “*Marcus est magis adolecens quam Paulus*”, *Paulus* que é o elemento com quem está comparando está no caso nominativo. No Japonês “*Marcus-wa Paulus-yori wakai*”, esse termo requer a partícula *yori*, o que deve ter levado os missionários a considerarem *yori* também como partícula do nominativo. Mas nesse mesmo tratamento às flexões dos nomes, já se verifica que o padre Rodrigues atenta para a função modal de algumas particulas, como quando afirma (grifo nosso):



Os artigos que se acham com Nominatiuo sam, *Va, Ga, No, Yori, Cara, Ni, Niua, Ni* voiteua, dos quais falaremos em particular. /.../ *Va*. Este artigo quando he Nominatiuo, **tem muyta energia, & força**, que soo o uso pode ensinar, **& se ajunta quase a todas as partes da oraçam** como se dirá no tratado das particulas, onde se trata delle diffusamente (f. 137v).

A conjugação de verbos ocupa o maior número de páginas do *Livro Primeiro* da *De Institutione Grammatica*; os verbos tratados são o *sum* (verbo substantivo), *amo* (paradigma da 1ª conjugação), *doceo* (2ª conjugação), *lego* (3ª conjugação), *audio* (4ª conjugação), *utor* (verbo depoente), *dimetior* (verbo depoente), *possum, fero, volo, nolo malo* (verbos defectivos). Até o verbo *dimetior*, o paradigma flexional possui também as traduções do Japonês e do Português.

Na *Arte*, o primeiro tipo de verbo a ser tratado são os verbos substantivos, como na gramática alvariana mas, antes, o padre Rodrigues explica que existem muitas formas que correspondem ao verbo substantivo, diferentes devido ao tipo de tratamento social: “Tem esta lingua muytos verbos substantivos, entre os quaes há huns que são honrados, & outros baixos, & outros que servam pera cousas inanimadas”(f.3). O verbo colocado no quadro de conjugação é *degozaru*, verbo substantivo “pera a pratica comum”, isto é, próprio da linguagem oral. Apenas no presente do Indicativo, o padre Rodrigues conjuga nas três pessoas, nos números singular e plural, para mostrar que existe uma única forma *degozaru*, para todas as pessoas e números.

O padre Rodrigues classifica os outros verbos em três tipos de conjugações, segundo a terminação das raízes: primeira conjugação, os que terminam em E; segunda e terceira conjugações, os que terminam em I. Lista os dezesseis verbos da primeira conjugação; os oito da 2ª conjugação e os três da 3ª conjugação. *Ague, yomi* e *narai* são os verbos das respectivas conjugações flexionados dentro dos modos, tempos e aspectos do paradigma verbal da gramática lati-



na. É no tratamento das flexões dos verbos que o padre Rodrigues encontra-se extremamente fiel ao modelo latino, elencando formas japonesas de expressar os tempos e modos existentes na gramática latina.

Como que para compensar essa 'falta de originalidade', ao tratar dos 'nomes adjetivos', o padre Rodrigues faz uma descrição que ultrapassou, com sucesso, os limites do modelo latino e conseguiu uma descrição que é muito fiel à especificidade desses vocábulos.

Os vocábulos que na língua japonesa possuem a função qualificativa, ou sejam os adjetivos, possuem flexão como os verbos e muitas das partículas que se acoplam aos verbos servem aos adjetivos também. No Latim, os adjetivos possuem declinação como os substantivos. Essa diferença de forma foi percebida pelo padre João Rodrigues na *Arte*, que chama tais vocábulos de 'verbos adjetivos'. Tal posição não era a mesma das reflexões de missionários anteriores ao padre Rodrigues, como ele próprio afirma:

Ategora nossos primeyros Padres que aventaram alguns preceyτος desta lingoa, tinham pera si que eram adjectivos os verbos terminados em, Ai, ei, ij, oi, ui: fundados em que se explicavão por elles muyto bem nossos adjectivos. Todavia examinada a cousa, se acha serem verdadeyramente verbos, que em seu significado comprehendem juntamente o nome adjectivo, & hum verbo substantivo, pellos quaes verbos se explicã muyto bem os adjectivos Latino, & da nossa lingoa. (f.61).

Nesta citação, portanto, o padre Rodrigues defendeu a teoria de que os nomes adjetivos, denominados KEIYOSHI na gramática japonesa, na verdade, são uma variedade de "verbos" e não "adjetivos" como vinha sendo tratado pelos missionários de até então. Dentre os vários motivos que levaram o padre Rodrigues a considerar os tais KEIYOSHI como "verbos", o principal foi a existência de flexões. Ao tomar como exemplos "*Fucai*, verbo adjetivo",



“*Nai*, verbo substantivo negativo” e “*Aguru*, verbo propriamente dito” e dispondo-os numa “tábua de conjugações”, notou que “*Fucai*” flexionava como os verbos. O fato de tê-los, ainda, classificado em “verbos defectivos” deve-se ao fato de os “verbos adjetivos” não possuírem todas as flexões próprias dos “verbos” (p. 134 [f.61v]):

“E quanto a serem verbos não ha duvida nenhuma pois **tem proprias vozes, & tempos, & modos, & raizes como qualquere verbos pessoal**, o que repugna à natureza do Nome: isto se pode ver em sua conjugação: & porque alguns dizem que são verbos soamente quando se compoem com a particula Caru, I, garu: porey aqui as vozes proprias que tem, & como respondem aos outros verbos sem as ditas particulas.

<i>Fucô.</i>	<i>Noo.</i>	<i>Ague.</i>
<i>Fucai.</i>	<i>Nai.</i>	
<i>Fucaqui.</i>	<i>Naqui.</i>	<i>aguru.</i>
<i>Fucaxi.</i>	<i>Naxi.</i>	
<i>Fucaquereba.</i>	<i>Naquereba.</i>	<i>Aguequereba.</i>
<i>Fucaini.</i>	<i>Naini.</i>	<i>Aguruni.</i>
<i>Fucaqueredomo.</i>	<i>Naqueredomo.</i>	<i>Aguequeredomo.</i>
<i>Fucaito iyedomo.</i>	<i>Naito iyedomo.</i>	<i>Aguruto iyedomo.</i>
<i>Fucaqutomo.</i>	<i>Naqutomo.</i>	<i>Agurutomo.</i>
<i>Fucaito yuutomo.</i>	<i>Naito yuutomo.</i>	<i>Aguruto yuutoo.</i>
<i>Fucaquereba tote.</i>	<i>Naquereba tote.</i>	<i>Aguequereba tote.</i>
<i>Fucaitomo, I. tommayo.</i>	<i>Naitomo, I. tommayo.</i>	<i>Agurutomo, I. tommayo.</i>
<i>Fucaimadeyo.</i>	<i>Naimadeyo.</i>	<i>Agurumadeyo.</i>
<i>Fucaquua fucai madeyo.</i>	<i>Naquua naimadeyo.</i>	<i>Agueba, aguru madeyo.</i>
<i>Fucaquua.</i>	<i>Naquua.</i>	<i>Agueba.</i>
<i>Fucaquba.</i>	<i>Naquba.</i>	<i>Aguru naraba.</i>
<i>Fucaini voiteua.</i>	<i>Naini voiteua.</i>	<i>Agurunai voiteua.</i>

Fucoote.	Noote.	Aguete.
Fucaquite.	Naquite.	
Fucaito	Naito	Aguruto.
Fucaicoto.	Naicoto.	Agurucoto.
Fucaiaua, uo, fito.	Naiua, vo, fito.	Aguruua, vo, fito.
Na fucaiso.	Nanaiso.	Na agueso.
<i>Nafucaixocaxi.</i>	<i>Nanaiso caxi.</i>	<i>Na agueso caxi.</i>

*Vt, Fucaitomo asaitomo moosanu. i. Não se disse nem que era alto, nem baixo, &c.*

Pois sendo assi que estes verbos tem tantas vozes, tempos, & modos proprios respondendo em tudo aos outros verbos, como se ve na taboa posta, comose poderá dizer que são Nomes, & não Verbos? Item Nai, Tai, medatai, catajiquenai, fidarui, foxij, nemutai, quemutai, tomonai, & outros semelhantes que são da mesma formação, quem dirá que não são verbos, que significão algumas acções animais? pois se estes o são, tambem o são todos os demais deste genero.

Assim, na gramática latina de Álvares, os adjetivos fazem parte do grupo de nomes porque declinam como eles. O Padre Rodrigues, na sua *Arte*, percebeu que esses vocábulos da língua japonesa não se assemelhavam aos nomes da língua japonesa (indeclináveis) mas que flexionavam como os verbos e passou a chamá-los de verbos adjetivos. Percebeu também a função predicativa desses vocábulos (grifo nosso):

*/.../ O segundo genero he de certos verbos anomalos proprios desta lingua, q de baixo de hua sò voz comprehendem em seu sinificado hum nome adiectivo, & o verbo substantivo, sum, idest. ser, ou estar, os quaes admitem suposto aparte ante, & post. cõ propria conjugaçam, como todos os demais verbos. Per esta sorte de verbos de declaram muito*

bem os nossos adiectivos, fallando por elles a seu modo, /.../ posto que no modo Iaponico ali nam seja puro nome adiectivo, mas **verbo com suposto**, & a oraçam he relativa; por que o que nos dizemos, o monte alto, dizem elles, o monte q he alto, seguindo se avante a oraçam, como se ve nestes exemplos. *Tacai yama. Monte alto, ou monte que he alto./.../ akiracana dori, I akiracanaru dori. Razão clara, ou que he clara/.../ (f. 24)*

Nas linhas acima, levantamos alguns dados da língua japonesa os quais o padre Rodrigues descreveu por meio da metalinguagem gramatical latina mas que, verificado os limites dela, efetuou explicações de modo a que não se perdesse a peculiaridade da língua. Após a expulsão dos jesuítas e depois dos portugueses pelo governo militar japonês, todas os livros por eles escritos, e que se encontravam no país, foram destruídos. Como a *Arte* destinava-se aos missionários europeus e não aos japoneses, por isso escrita num língua europeia (Português), pode-se dizer que nenhuma repercussão teve sobre as pesquisas lingüísticas japonesas. No entanto, tomando como exemplos o caso da existência de 'energia & força' na partícula articular *Va*' e o caso dos 'nomes adjetivos' serem na realidade 'verbos' e serem 'verbo com suposto' (ou seja terem a função predicativa), podemos afirmar que os missionários europeus e o padre Rodrigues, em particular, perceberam dados que seriam esclarecidos somente no séculos XIX ou mesmo no XX.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### *Fontes primárias*

- Álvares, Manuel, S.J. 1594. De Institutione Grammatica Libri Tres – Conjugationibus accessit interpretatio Iapponica.
- Rodrigues, João, S.J. 1976 [1604/1608]. Arte da Lingoa de Iapam. Tóquio: Benseisha.

### *Fontes secundárias*

- Doi, Tadao (1971). Kirishitan Gogaku-no Kenkyu (Pesquisas sobre a lingüística nos documentos cristãos). Tóquio: Sanseidô.
- \_\_\_\_\_. 1982. Kirishitan Ronkô (Estudos sobre os documentos cristãos). Tóquio: Sanseidô.
- Freire, Antonio, S. J. 1960. Estudos de cultura greco-latina. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa.
- Fukushima, Kunimichi. 1983. Kirishintan Shiryo-to Kokugo Kenkyu (Os Kirishitan Shiryo e as pesquisas sobre a língua japonesa)
- Matsuoka, Koji. 1991. Kokugogaku Kenkyu – Kirishitan Gogaku – 16 seki-ni okeru (Pesquisas sobre a língua nacional: os estudos lingüísticos dos Kirishitan do século XVI). Tóquio: Yumani Shobô.